

## ANTROPOLOGIA AGOSTINIANA: O HOMEM EM DIREÇÃO A DEUS

Nailson Gonçalves dos Santos\*

---

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a concepção antropológica de Agostinho (354-430), através de uma abordagem da descoberta da pessoa que se faz a partir de sua íntima relação com Deus. Agostinho alcança, pela reflexão, o descobrimento do eu, enquanto pessoa, em estreita relação de dependência a um fundamento que não está em si mesmo, mas que aponta para o transcendente. Nesse contexto, o autor traça uma relação entre o encontro da vontade humana e a vontade divina, quando supera o problema da origem do homem. Assim, a relação entre o humano e o divino; a sabedoria como alimento da alma; o problema da liberdade e da graça divina, constituem a antropologia agostiniana e se tornam, portanto, objeto de nossa reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agostinho. Homem. Deus. Liberdade. Vontade.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Tendo presente que Agostinho de Hipona, um reconhecido filósofo cristão que viveu entre os séculos IV e V, desenvolveu um importante pensamento antropológico, este artigo pretende apresentar a visão agostiniana de homem, desde a descoberta da pessoa, que envolve o corpo e a alma no conceito de liberdade, guiado pela graça divina.

O bispo de Hipona trata dessa questão analisando a sua própria vida, como descreve em sua obra *Confissões*. Ao contrário de Plotino, e de qualquer outro autor da antiguidade, em Agostinho, dá-se a descoberta da interioridade. Ele inaugura a reflexão sobre o homem interior, enquanto indivíduo, na pessoa. Nesse contexto, o autor percebe que o homem é um ser criado por Deus, e por isso o criador mantém uma relação íntima com o ser criado.

---

\* Discente do V Semestre do Curso de Filosofia do Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNSV) E-mail: nailsongoncalves@hotmail.com



Como pensador da patrística, a sua concepção de homem alcançou uma amplitude considerável e desempenhou um papel significativo na construção da antropologia no interior do cristianismo, a partir da matriz neoplatônica e dos textos paulinos.

Partindo da antropologia paulina, enquanto interpretação atualizada da doutrina do pecado original e da graça, Agostinho interpreta essa questão no horizonte da liberdade humana. Essa explicitação teológico-filosófica, o conduz à análise da relação entre o homem (criatura divina) e o seu criador.

A antropologia agostiniana será descrita aqui a partir de quatro eixos fundamentais, a saber: relação entre o humano e divino; a sabedoria como alimento da alma; o problema da liberdade e da graça divina. Nessa estrutura que o artigo pretende descrever e apresentar o pensamento antropológico de Agostinho que pressupõe o homem em um itinerário em direção a Deus.

## 2 RELAÇÃO ENTRE O HUMANO E DIVINO

A posição antropológica de Agostinho parte, inicialmente, da necessidade de compreender o homem enquanto um verdadeiro problema filosófico. Para desvendar esse mistério, Agostinho procurou traçar uma relação entre o humano e o divino, ou seja, entre a vontade humana, marcada pelo livre-arbítrio e a vontade divina, plena de amor. Nesse contexto reflexivo que ele chega à descoberta do eu, enquanto pessoa, em estreita relação de dependência de um fundamento que não está em si mesmo, mas que aponta para o transcendente.

Foi no limiar do século V que Agostinho se propôs a entender esse profundo mistério que é a pessoa humana. A novidade é que como observante, também era observado, por ele mesmo, embora não tivesse encontrado uma solução definitiva como descreve Reale em sua obra:

Mas Agostinho não propõe o problema do homem em abstrato, ou seja, o problema da essência do homem em geral: o que ele propõe é o problema mais concreto do *eu*, do homem como *indivíduo irrepetível*, como *pessoa*, como *indivíduo*, poder-se-



ia dizer com terminologia posterior. Nesse sentido, o problema de seu eu e o de sua pessoa tornam-se significativos: “*eu* próprio me tornara um grande problema (*magna quaestio*) para mim”; “eu não compreendo tudo o que sou”. *Como pessoa*, Agostinho torna-se protagonista de sua filosofia: ao mesmo tempo observante e observado (REALE; ANTISERI, 2003, p. 89, grifos dos autores).

Dessa forma, consciente de sua limitação enquanto pessoa, caído no desespero de suas tensões íntimas e de sua própria vontade, é que o pensador africano procura confrontar-se com a vontade de Deus. É nesse confronto entre a vontade humana e a vontade divina que ele descobre e fundamenta a descoberta do eu como pessoa.

Para Agostinho, o encontro com Deus se dá no interior do homem, pois Deus – enquanto criador – está tão próximo e tão íntimo de sua criatura, mais do que o próprio homem. Nesse sentido, o itinerário do homem, enquanto criatura é um itinerário para a verdade: alcançar a Verdade é ser iluminado pela graça divina.

O próprio conhecimento da Verdade exprime o amor, à medida que a essência do homem é amor, ou seja, expressão do amor daquele que o criou. Nesse sentido, Agostinho acredita que o homem, bom e justo, é sem dúvida aquele que ama a si mesmo e aos outros segundo a lei divina, pois amar o próximo é amar a Deus na sua obra.

Nesse contexto de amor ao próximo e de relação com Deus, fundamentado na antropologia agostiniana, é oportuno traçar um paralelo com os tempos modernos. Na realidade, o que é perceptível é que o fanatismo religioso tem aumentado nos últimos tempos, o exercício da caridade tem diminuído e a relação com o profano tem aumentado em detrimento da relação com o sagrado. Para tanto, o homem que ama, depende da graça de Deus e esta é fundamental na vida humana. Nesse sentido, a filósofa alemã, contemporânea, Hannah Arendt, quando disserta em sua tese doutoral trata sobre a questão do amor ao próximo de forma magnífica:

Amar-se mutuamente (*diligere invicem*) é o mandamento da lei, é o próprio espírito desta lei que visa cada lei isoladamente. A lei regula e determina o comportamento da criatura no mundo, na medida em que vê nele o deserto e vive na relação com a sua própria origem. E como este mundo já é sempre constituído pelo homem, a lei determina o comportamento dos homens entre eles. O amor (*dilectio*) é o espírito de todos os mandamentos particulares; por aquilo que significa, cumpre todo o mandamento possível. Ele é mandado porque é o próprio



espírito da lei. Desde logo, o seu cumprimento depende da graça de Deus; poder amar o próximo depende do amor de Deus (*dilectio Dei*) (ARENDR, 1997, p. 113).

Partindo do pressuposto da lei do amor que determina a ação do homem, uma vez que este busca viver uma relação com Deus, que é possível compreender uma característica marcante da antropologia agostiniana. O ponto de ancoragem da discussão agostiniana, o ponto de partida da relação humana com o divino, está na reflexão, ou seja, o reconhecimento da impotência inicial e essencial que liga a criatura ao criador: “Permiti, porém, que ‘eu, pó e cinza” (AGOSTINHO, 2000, p. 27).

A consciência da “situação” criatural do homem, leva Agostinho à reconhecer a graça de Deus e a admirar o seu poder abrasador, que desdobra no desejo de louvá-lo. Como homem, manifesta a sua inteira dependência de Deus de onde provem e mantem a sua vida:

Com efeito, sem Vós, que sou para mim mesmo, senão um guia para o abismo? Que sou, quando tudo me corre bem, senão um pequenino sugando o vosso leite e gozando de Vós, alimento que não se corrompe? E quem é o homem, seja quem for, se é homem? Riam-se de mim os fortes e os poderosos, mas eu, fraco e pobre, confesso-me a Vós (AGOSTINHO, 2000, p. 75-76).

Nesse sentido, o pensamento antropológico de Agostinho apresenta o homem como ser-para-Deus, ou seja, um homem que traça o seu itinerário de vida, ordenando tudo em direção a Deus. A sua “conversão”, não apenas a de Agostinho, mas de todo homem, passa a ser um evento central e decisivo que preenche e dá sentido à vida.

### **3 A SABEDORIA COMO ALIMENTO DA ALMA**

A antropologia agostiniana, além de tratar das questões do homem enquanto pessoa, procura compreender a vida do corpo, que busca nutrir-se através da alma. A alma é a faculdade nutridora do corpo, através do conhecimento e da ciência. Assim, da mesma forma que o corpo carece de alimento, a alma também carece.

Percebemos que a visão de homem em Agostinho é herdeira da filosofia do pensamento platônico, recebida através do escrito de Plotino e Porfírio. Esses filósofos



acreditam que a vida humana, naturalmente, constitui-se de corpo e alma, pois é impossível existir o corpo sem a alma. Eles acreditavam e reconheciam que a essência do homem estava contida na alma. Partindo desse pressuposto, Agostinho reconhece que Deus se retrata na alma e faz aí o seu esconderijo e morada, de onde emana a vida, vida feliz, vida plena, como fica visível na citação do livro X das *Confissões*, citado por Martin Heidegger: “[quando procuro a ti, Deus meu, procuro a vida feliz. Procuo-te para que viva a minha alma. Porque se meu corpo vive por minha alma, minha alma vive por ti (vida de minha vida)]” (AGOSTINHO *apud* HEIDEGGER, 2010, p. 175).

Para Agostinho, da mesma forma que o corpo desprovido de alimento enfraquece a alma sem o conhecimento corre o risco de se contaminar. Desse modo, ele estabelece a sabedoria como plenitude, ou seja, a medida da alma, o alimento salutar e proveitoso. Para que a alma seja plena e favoreça uma vida feliz é necessário possuir a sabedoria.

Essa sabedoria é descrita por Agostinho, enquanto justa medida que se encarrega, eficazmente, de conceder a moderação do espírito, evitar os excessos da alma, mantendo-a equilibrada, além de favorecer a felicidade para a pessoa. Contudo, só resta ao homem ir em busca da sabedoria afim de possuir os meios necessários pra bem viver. Agostinho, como bem observa uma nota de edição da obra *A vida feliz*, equipara a felicidade à sabedoria:

Agostinho cristianiza o conceito estóico e neoplatônico de medida. Nestas filosofias, a medida assinalava a cada coisa seu modo de ser, realizando o justo suficiente, em que nada falta ou se possui em demasia. Para Agostinho, Deus é a Medida suprema, à qual todos os seres devem se ajustar. Assim, a sabedoria é medida é equilíbrio, exclusão dos excessos e deficiências. Possuir a medida-sabedoria é ser feliz (AGOSTINHO, 1998, p. 155, nota 5).

A ciência é, sem dúvida, um amparo indispensável à sabedoria. É nessa relação harmoniosa entre ciência e sabedoria, quando vivida de acordo com a vontade de Deus, que o homem alcança a contemplação da Sabedoria. A alma será plenamente saciada e não mais temerá a infelicidade, quando cultivar e alimentar-se da sabedoria.

#### 4 VISÃO AGOSTINIANA DE LIBERDADE



Para Agostinho Deus é sumamente bom enquanto que o homem está constantemente vulnerável ao mal, no uso do seu livre-arbítrio. A liberdade não implica um problema para o homem, mas sim a forma como o homem utiliza da liberdade. Dessa maneira, cabe a cada pessoa a responsabilidade pelos seus atos.

A compreensão de liberdade, em Agostinho, está ligada à própria vontade de escolha do homem e, por vezes, em oposição aos desejos (vontade). Enquanto que a razão busca o conhecimento intelectual e racional, a vontade simplesmente escolhe aquilo que passa pelo crivo da moral. Contudo, a faculdade da vontade oferece um poder para o homem optar livremente entre o bem e o mal. Assim sendo a vontade não é boa nem má, mas depende do “uso” que o homem faz dela: “A vontade que opta pelo mal, torna-se má; a que escolhe o bem, torna-se boa. Por isso não se pode chamá-la de boa sem primeiro determiná-la mais de perto” (BOEHNER; GILSON, 2000, p. 191). O conceito agostiniano de liberdade não se fundamenta na herança maniqueísta, sobretudo, quando trata da questão do pecado e da graça.

O pecado é a privação da graça divina, o elemento que mostra a capacidade de transgressão que reside no interior do homem e está ligado à vontade e não ligado à reta razão. O pecado é algo que diz respeito somente ao homem que, ao receber de Deus a capacidade de se autodeterminar, acaba fazendo um mau uso da liberdade de escolha, cedendo aos seus desejos. Esse problema introduz a ideia fundamental que compõe a imagem de homem característico nos tempos modernos. Daí o crescimento do individualismo exacerbado, desvalorização da vida, práticas inteiramente descompromissadas e que são frutos de uma decisão tomada de forma imatura, sem a devida sintonia entre a alma e corpo, razão e vontade. É nesse sentido que a liberdade de



escolha, à medida que é realizada no interior de um itinerário para a Verdade, confere à pessoa a responsabilidade pelos seus próprios atos.

É nessa reponsabilidade depositada na pessoa que é possível perceber os conflitos da vontade, que por sua vez, são inerentes e visíveis naqueles que se encontram diante de uma decisão de teor existencial. É a própria vontade de escolha que impõe a dúvida e a incerteza, mas também uma capacidade de pensar e repensar sobre o querer do homem, pois é o mesmo homem que deseja, quer, decide: “Era eu que queria e eu que não queria: era exatamente eu que nem queria plenamente, nem rejeitava plenamente. Por isso, lutava comigo mesmo e dilacerava-me a mim mesmo” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 98).

Com Agostinho, podemos afirmar que na vontade do indivíduo se encontra a possibilidade de escolher entre o bem ou mal. Ele acredita que é nessa liberdade que o homem possui um grande potencial capaz de alcançar grandes proezas, mas também, possui limitações que o conduz ao fracasso: “Estabelecemos ainda que é próprio da vontade escolher o que cada um pode optar e abraçar. E nada, a não ser a vontade, poderá destronar a alma das alturas de onde domina, e afastá-la do caminho reto” (AGOSTINHO, 1995, p. 67). O critério que distingue o homem dos outros seres está no bom uso da vontade, expresso inicialmente no bom uso da razão e da ação, através da harmonia entre a vontade e razão, tendo em vista o itinerário do indivíduo que vive e decide.

## 5 A GRAÇA DIVINA

O pecado original, presente na realidade humana, é considerado por Agostinho fruto do livre arbítrio. Embora a vontade de escolha que provocou a queda do homem



viesses implantar o pecado no mundo, o homem, a partir de então, tornou-se dependente da graça divina. Essa é a saída apresentada por Agostinho, que arremata a sua antropologia e em boa medida toda a antropologia cristã. Nesse sentido, a graça é compreendida como instrumento necessário para corrigir eventuais desvios no uso da vontade e também é o fundamento último que tudo sustenta, à medida que é ela que conduz o homem rumo ao bem eterno.

No interior da antropologia agostiniana, livremente e com suas próprias forças, o homem é incapaz de reerguer-se. Por si só, ele entra num processo de degeneração, ou seja, retorna ao caminho da não existência, desviando da sua identidade original: criatura divina. Como Deus é sumamente bom, e é D'Ele que procede a força de praticar o bem, concede ao homem um auxílio gratuito, através da graça, que regenera o homem, devolvendo-lhe a sua liberdade. Mesmo mediante de tão grande graça, o homem continua livre para fazer – ou não – o bem, de acordo com a sua vontade própria, pois Deus não lhe retira o livre-arbítrio, como atestam os estudiosos.

É a graça de Deus, e só ela, que nos torna verdadeiramente livres. Mas nem por isso a liberdade deixa de supor o livre arbítrio, pois ela não é senão o livre arbítrio libertado. É de Deus que vem a força para fazer o bem mas é ao livre arbítrio que incumbe fazê-lo (BOEHNER; GILSON, 2000, p. 192).

Diante disso, é possível perceber que sem o auxílio da graça divina, o livre-arbítrio poderia escolher o mal. Nesse sentido, a graça é necessária para que o homem possa regenerar-se e retomar o caminho original, para o qual foi criado. A graça está no começo, no meio e no final do itinerário do homem. Enquanto peregrino neste mundo, o homem caminha para o seio da trindade, ele é cidadão de dois mundos. Na antropologia de Agostinho, a consciência da origem – ser criatura – não é um defeito do homem, mas a sua verdadeira condição.

## 6 CONCLUSÃO

Embora o pensamento antropológico de Agostinho apresente o homem como ser-para-Deus, a possibilidade do erro, no uso do livre-arbítrio, não está excluída. No





entanto, ao mesmo tempo em que o homem é destinado a percorrer o itinerário em busca de Deus, que se mostra no desenrolar da própria vida, através dos atos da vontade, o seu ponto de partida será sempre a liberdade.

No ato da criação, Deus elevou o homem no domínio da criação visível e formou como sua imagem e semelhança, com o qual Agostinho trata com especial predileção. Todavia, o corpo faz parte da natureza humana e na alma encontra-se a parte mais excelente do homem.

### REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios e A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

\_\_\_\_\_. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

ARENDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Porto: Instituto Piaget, 1997.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2003.



Revista Pandora

Nailson Gonçalves dos Santos

<http://lattes.cnpq.br/5877236071025263>

